



UMA NOVA GERAÇÃO DE INSTRUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DE REFERÊNCIA: A PUBLICAÇÃO DOS PRODUTOS DAS DESCRIÇÕES ARQUIVÍSTICAS EM MEIO ELETRÔNICO

RICARDO SODRÉ ANDRADE*
RUBENS R. G. DA SILVA**

RESUMO

Indica aspectos relativos à descrição arquivística e instrumentos arquivísticos de referência, conhecidos tradicionalmente por 'instrumentos de pesquisa', termo que passa por uma breve crítica, além de iniciativas de criação destes em meio eletrônico. Apresenta uma nova proposta de instrumentos arquivísticos de referência. Essa proposta chamada nova geração de instrumentos arquivísticos de referência (*next generation finding aids*), compreende a disponibilização de representações arquivísticas na *web*, utilizando-se das possibilidades da *Web 2.0*, um fenômeno que captura o momento em que a *web* altera a experiência que proporciona ao usuário, permitindo um novo grau de interatividade e acesso.

Palavras-chave

Descrição arquivística; instrumento de pesquisa; instrumentos arquivísticos de referência; Web 2.0

* Mestrando em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA), Bacharel em Arquivologia (ICI/UFBA), Assessor de Tecnologia do Arquivo Público da Bahia (Fundação Pedro Calmon).
E-mail: ricardo@feudo.org - Web: <http://www.ricardo.arquivista.net>.

** Doutor em Ciência da Informação (UFRJ-ECO/IBICT-DEP), Professor Adjunto do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA). Email: rubensri@ufba.br

1 BREVE CRÍTICA TERMINOLÓGICA: DO INSTRUMENTO DE PESQUISA AO INSTRUMENTO ARQUIVÍSTICO DE REFERÊNCIA

Iniciamos esse trabalho com uma crítica ao termo "instrumento de pesquisa", consolidado no campo da arquivologia no Brasil, mas que não remete ao significado real e imediato que apresenta na prática. Sugere-se a adoção do termo "instrumento arquivístico de referência" ou mesmo "instrumento de referência", quando a natureza arquivística do acervo ao qual o instrumento se refere estiver claramente determinado.

Hagen (1998, p. 5) aponta que a função do instrumento arquivístico de referência, tanto quanto o é o de um instrumento de referência bibliográfica, é o de permitir a "exploração do conhecimento registrado". Aqui, entende-se "explorar" como ação que permite saber os limites do que pode ser encontrado na documentação, para que então seja possível selecionar o material relevante para a pesquisa planejada. A pesquisa só é efetivamente realizada no momento do acesso ao material selecionado. Dessa forma, pondera-se que a *pesquisa*, de fato, realiza-se no *documento* obtido e não no ou com o instrumento continente da representação do acervo. Se o acervo não puder ser acessado, o instrumento de referência não poderá substituí-lo e a pesquisa não será realizada, assim, a pesquisa não se faz no ou com o instrumento de referência.

Outro argumento é o de que tais instrumentos são disponibilizados aos usuários justamente pelo serviço de referência das instituições arquivísticas (PENTEADO, 1995), sendo entregues aos consulentes no momento "referência", conforme esquema (Figura 1) abaixo:

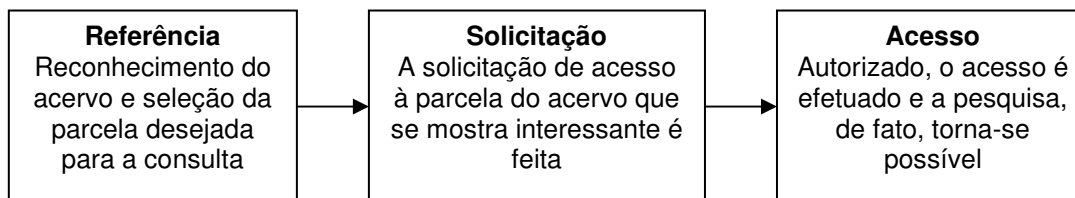


Figura 1 – Momentos do usuário no serviço de referência de uma instituição arquivística

Uma mudança terminológica também pode caracterizar a passagem dos instrumentos de uma posição na qual apenas apontam a localização física dos documentos, ou cuja representação carece de elementos contextuais, para uma posição



em que os contextos de produção, uso e preservação são adequadamente explicitados na representação criada.

Nesse trabalho, é proposto e utilizado o termo “instrumento arquivístico de referência” ou “instrumento de referência” como substitutos do termo “instrumento de pesquisa”, que se refere aos tradicionais produtos do processo de descrição arquivística. Já o termo “nova geração de instrumentos arquivísticos de referência” é utilizado para designar uma proposta de instrumentos que incorporam as possibilidades que a internet apresenta, aderindo a padrões, atentos à usabilidade e promovendo a existência de comunidades virtuais em seu entorno (ANDRADE; SILVA, 2008).

Uma proposta de mudança de termo pode se apresentar, em princípio, como uma aspiração demasiadamente pretensiosa, haja vista que o termo é difundido e utilizado na literatura e entre os profissionais do campo da arquivologia. Não obstante, entendemos que o termo deve sofrer a alteração, facilitando a comunicação científica e a evolução terminológica.

2 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS DA DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA

A descrição arquivística é o processo em que o arquivista cria representações de um determinado acervo arquivísticos, explicitando o contexto e conteúdo do acervo. É claramente uma atividade intelectual que demanda competências de interpretação de texto, conhecimento histórico acerca do produtor e de sua época, além de habilidade com a língua em que estão sendo produzidas as informações descritivas. Segundo a *Society of American Archivists* (2002), seu propósito é o de identificar, gerenciar, estabelecer controle intelectual, localizar, explicar o acervo arquivístico e promover o acesso.

Desde o manual holandês¹, a descrição arquivística se tornou tema de discussões e, recentemente, a preocupação com a explicitação dos contextos de produção da documentação passou a ser cada vez mais freqüente.

¹ Obra clássica da arquivologia, publicada no ano de 1898 pela Associação dos Arquivistas Holandeses.



Yakel (2003) afirma que arquivistas precisam pensar menos em termos de um simples, definitivo e estático processo de arranjo e descrição, substituindo isso pela adoção do contínuo, relativo e fluido processo de arranjo e descrição para a representação. Essa afirmação aponta para o dinamismo que essa tarefa passa a apresentar quando o contexto passa a ser elemento de importância e registro na representação do acervo.

Para Yakel (2003), os novos instrumentos arquivísticos de referência são evidências do que ela indica como fato: os arquivistas estão substituindo os sistemas de representação analógicos pelos sistemas baseados em computador, como os registros MARC² e as codificações EAD-DTD³, enfatizando que os artefatos de representação arquivística são mais do que ferramentas de acesso: em constante evolução, contribuem para o conhecimento da instituição arquivística ao mesmo tempo em que alteram esse conhecimento.

Por conta da proximidade das áreas, Smiraglia (*apud* HAGEN, 1998) propõe que o controle bibliográfico e arquivístico guardam semelhanças e diferenças entre si. As semelhanças seriam: a) os catálogos bibliográficos e os instrumentos arquivísticos de referência possuem objetivos comuns, como permitir a exploração da documentação; b) a consciência da necessidade de descrever tanto os elementos físicos quanto os intelectuais; c) o “dilema comum da busca de informação”, onde quem faz o instrumento está em vantagem em relação ao pesquisador quanto à disponibilidade dos dados acerca do material descrito. O “dilema comum da busca de informação” parece não ser mais uma grande vantagem quando os usuários e os arquivistas se organizam em torno de uma comunidade, como pretende a nova geração de instrumentos de referência, doravante apresentada.

MacNeil (2005) dispõe sobre a relação entre a descrição arquivística e a autenticidade apresentando os propósitos e os métodos da descrição arquivística, esses são

1. promover o acesso aos documentos arquivísticos por meio de uma descrição que permita a recuperação, pelo menos, por meio da proveniência;
2. permitir o entendimento da documentação por meio do registro de seu contexto, estrutura e conteúdo;

² MARC é a sigla para *Machine Readable Cataloging*

³ Sigla para *Encoded Archival Description – Document Type Definition*, ou uma Definição de Tipo de Documento XML destinada a criar uma Descrição Arquivística Codificada em meio eletrônico.



3. estabelecer indícios que permitam a presunção da autenticidade do acervo, por meio do registro da cadeia de custódia, seu arranjo e as circunstâncias de sua produção e uso.

O autor continua afirmando que um documento autêntico é aquele que consegue provar ser aquilo que afirma ser, sem ter sido alterado em seus aspectos essenciais. A autenticidade se assenta em parâmetros de identidade? Ou seja, foi realmente escrito por quem o documento afirma ter sido escrito? E sua integridade? O documento foi alterado de alguma maneira desde sua produção e, caso tenha sido, essa mudança alterou suas características essenciais? Assim, proteger a autenticidade de um documento implica na preservação da sua identidade e integridade.

MacNeil prossegue com uma exposição de três linhas de questionamento, que identifica após uma comparação da descrição arquivística e da crítica textual⁴: 1) a relação entre a descrição arquivística e a autenticidade, considerando as suas implicações no papel do arquivista; 2) a natureza dos instrumentos arquivísticos de referência, quando considerados como um texto sócio-histórico; 3) modelos para a descrição arquivística que podem emergir das duas primeiras linhas de investigação.

A primeira linha de questionamento apresentada por MacNeil passa por uma reflexão acerca do papel dos princípios arquivísticos da proveniência e respeito aos fundos, que comunicam a organização original dos fundos, o histórico de uso e preservação, além das relações existentes entre os documentos. Os registros de tais circunstâncias, por meio da descrição arquivística, segundo o argumento, irão carregar elementos que indicam a autenticidade da documentação descrita, numa espécie de comprovação de autenticidade herdada do efetivo atendimento aos princípios arquivísticos citados.

A descrição arquivística, então, se apresenta como um meio pelo qual o arquivista “presta contas”⁵ aos usuários, explicitando como ele está resguardando a autenticidade da documentação⁶ - considerando que o atual contexto da documentação

⁴ Para MacNeil (2005), assim como a crítica textual envolve consciência e decisões deliberadas acerca da representação de textos, a descrição arquivística envolve consciência e decisões deliberadas acerca da representação de documentos arquivísticos.

⁵ O termo utilizado por MacNeil é *accountability*.

⁶ Percepção que se estende a outras “prestações de contas”, como quando se esclarece acerca da situação física da documentação, indicando como a instituição e/ou o arquivista estão agindo com relação à preservação do acervo.



também pode ser registrado. Essa prestação de contas permite ao arquivista relacionar sua imagem à confiança que se espera do responsável pela custódia do acervo.

Para a segunda linha de questionamento, MacNeil parte da consideração que instrumentos arquivísticos de referência não são ferramentas neutras e sim textos culturais, historicamente situados em um determinado tempo e espaço, envoltos por intencionalidades e ideologias que incluem e excluem o que se enfatiza e o que se ignora. Essa linha de questionamento poderia nos levar a repensar ou, pelo menos, ampliar o entendimento acerca da estabilidade de um determinado instrumento arquivístico de referência, produto da descrição arquivística.

Na terceira linha, MacNeil percebe a possibilidade de surgimento de modelos de descrição arquivística a partir de investigações realizadas nas duas linhas anteriores, especificamente quando um profundo grau de conhecimento for alcançado do relacionamento entre os conceitos de representação, autenticidade e “prestação de contas” arquivística.

Quando conclui, o autor enfatiza dois temas que considera como centrais em seu artigo: a seletividade da representação arquivística e a impossibilidade de se alcançar a completude em um processo de representação.

3 INSTRUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DE REFERÊNCIA

Instrumentos arquivísticos de referência são os produtos do processo de descrição arquivística, que se ocupam de criar representações para o acervo ou parcelas deste.

O trabalho de Bellotto (2004) apresenta as formas tradicionais dos instrumentos arquivísticos de referências: a) o “guia”, de acesso fácil para o grande público por ter linguagem abrangente e popular. O guia é apresentado como o primeiro instrumento que deve ser consultado pelo pesquisador; b) o “inventário”, aquele que descreve conjuntos documentais ou parcelas do fundo, com descrições sumárias, permitindo um prévio conhecimento do conteúdo do documento, antes de se ter acesso a uma descrição mais detalhada; c) o “catálogo” é aquele instrumento que possui descrições de cada peça documental em uma ou mais séries, ou de uma parcela da documentação que tenha sido



escolhida, respeitando ou não a ordem de classificação; d) “catálogo seletivo”, que traz uma “relação seletiva de documentos pertencentes a um ou mais fundos e no qual cada unidade de documental integrante de uma unidade de arquivamento é descrita minuciosamente” (MIGUÉIS *apud* BELLOTO, 2004, p. 212), ou seja, documentos são escolhidos dentre um ou mais conjuntos documentais para serem descritos; e) “índices”, que apontam nomes, lugares ou assuntos, estes organizados alfabeticamente e indicando notações de localização dos documentos correspondentes; e a f) “edição de fontes”, uma reprodução de documentos, possivelmente acompanhada de estudos introdutórios e/ou fontes paralelas.

Os procedimentos de construção dos instrumentos arquivísticos de referência mudaram com o passar do tempo, resultado da evolução que as disciplinas da arquivologia, de modo geral, perceberam. As representações descritivas que indicavam o escopo e conteúdo dos conjuntos documentais eram quase inexistentes, resumindo-se, quando eram citados, aos dados biográficos e/ou históricos e, na maioria das vezes, configurando-se em extensos inventários que apenas indicavam as pastas, talvez os itens e indicando suas localizações físicas no acervo (YAKEL, 2003).

Com o aumento da complexidade teórica da arquivologia e com o aporte que o surgimento da norma geral internacional de descrição arquivística, ISAD(G), os dados contextuais se tornaram cada vez mais entendidas como parte importante e necessária na criação da representação arquivística. Esse fato tem sua importância destacada quando consideramos a afirmação de Marcondes (2001) acerca da importância contextual para a interpretação e compreensão de mensagens.

Por certo, a inclusão do escopo e conteúdo nos instrumentos de referência, segundo Yakel (2003), demonstram duas tendências. A primeira é o aumento das descrições mais gerais, dos níveis mais abrangentes do arranjo, como o fundo, os grupos⁷ e as séries⁸. A segunda tendência é a diminuição da granularidade, ou seja, das descrições dos itens documentais. Assim, os instrumentos deixam de ser extremamente específicos, demandando mais recursos para a finalização do processo, para serem cada vez mais gerais e com maior disponibilidade de informações descritivas do todo.

Yakel (2003) desconhece os motivos que levam à tendência do aumento da representação contextual e diminuição da granularidade, a descrição item por item. É

⁷ Se refere à estrutura administrativa do produtor, como o “Departamento Comercial”.

⁸ Se refere aos tipos documentais existentes em uma série, como as “Propostas Comerciais”.



possível que a crescente quantidade de documentos com que os arquivos passaram a lidar tenha sido importante para a reconsideração das políticas de descrição, criando resultado semelhante com o que Schelleberg (*apud* BELLOTTO, 2004) atribuiu para a falta de um programa descritivo adequado: "arrisca-se o arquivista a dissipar as suas energias em projetos improdutivo".

Há que se recordar que os instrumentos de referência de conteúdo geral deveriam ser um produto mais comum do processo de descrição arquivística, visto que autores como Schelleberg (*op.cit.*) há muito já apontavam a descrição que partia do geral e caminhava para a específica como regra a ser observada. Bellotto (2004) não deixou de esclarecer que a descrição dos itens documentais não consegue revelar ao consulente o significado real do material analisado, sendo necessário conhecer a estrutura do órgão produtor do acervo, objetivo que é alcançado com a explicitação do contexto de produção, do arranjo e da ordenação da documentação.

4 NOVA GERAÇÃO DE INSTRUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DE REFERÊNCIA

Com a internet, especificamente o ambiente multimídia denominado *World Wide Web* ou apenas *web*, os arquivistas encontraram novas oportunidades para prover acesso remoto aos usuários dos seus serviços. Uma das oportunidades tornadas possíveis foi a disponibilização dos instrumentos arquivísticos de referência, tornando real o que antes poderia ser apenas um sonho: prover acesso fácil e rápido a qualquer pessoa no mundo (TIBBO; MEHO, 2001).

Para Tibbo e Meho (2001), a *web* proporciona um ambiente com facilidades para o usuário interessado em consultar um instrumento arquivístico de referência. As facilidades mais comumente encontradas seriam os recursos de motores de busca, a familiaridade com a *web* que todo usuário de internet possui e a fácil apropriação das informações contidas nos instrumentos arquivísticos de referência.

Algumas possibilidades, tratadas como especulativas por MacNeil (2005), são plausíveis na *web*, o veículo ideal para que se possa transcender os limites artificiais impostos pela tradicional prática de descrição arquivística. Nesse ambiente, os



instrumentos arquivísticos de referência são partes de uma rede complexa de *hyperlinks* e documentos interativos que relatam a história, avaliação, preservação, uso e interpretação de uma documentação através do tempo. Essa rede poderia prover aos usuários múltiplos caminhos que os permitissem explorar um determinado universo documental, além de possibilitar a criação novos caminhos, pela incorporação de novas representações e entendimentos.

Enquanto ferramenta de apresentação, afirma MacNeil, os *hyperlinks* por si só já apresentam ao arquivista um novo conjunto de possibilidades e responsabilidades. Não basta relacionar os produtos da representação, há a responsabilidade em contextualizar essas relações e tornar a relevância dessas relações clara aos usuários.

Sá (2005) argue que os serviços de informação arquivística na *Web* devem estar centrados no usuário, cujas características se alinham às da nova geração de instrumentos arquivísticos de referência. Ela considera importante “que o usuário consiga se movimentar de um ponto ao outro na busca das informações desejadas. Deve ser um serviço facilitador e pensado no usuário e nas suas necessidades [...]” (SÁ, 2005, p. 109), observando a racionalização dos recursos e esforços desse usuário, abrindo canais de comunicação que possam permitir a identificação das necessidades e expectativas.

A importância do estudo de usuário para a nova geração de instrumentos arquivísticos de referência parece evidente na medida em que os mecanismos de interação no instrumento, que permitem ao pesquisador a manipulação e visualização das representações, devem ser constantemente adaptados aos diversos e mutantes perfis de usuários.

Van Garderen (2006a; 2006b), nas comunicações que apresentou em 2006, apontou a possibilidade de criação de novos tipos de instrumentos arquivísticos de referência, diferentes dos conhecidos tradicionalmente, por se desvencilharem de formatos e do suporte físico, além de compartilharem das características normalmente encontradas nos aplicativos identificados como sendo parte da *Web 2.0*⁹. Essas características são alcançadas quando o instrumento é criado de acordo com regras que definem a boa usabilidade (*usability*) da interface, a adoção de padrões abertos (*openness*) e a possibilidade de criação de uma comunidade (*community*) em seu entorno.

⁹ Ver mais sobre a *Web 2.0*, nesse contexto, em Andrade e Silva (2008).



5 NOVAS TENTATIVAS DE CRIAÇÃO DE INSTRUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DE REFERÊNCIA EM MEIO ELETRÔNICO

Até o momento atual da pesquisa, algumas experiências de criação de instrumentos de referência em meio eletrônico foram identificadas. Serão apresentadas características de quatro delas, de modo a se conhecer algumas das características que esses instrumentos apresentam. Apesar de interessantes, os exemplos a seguir não puderam ainda ser considerados em um quadro mais amplo de comparação, o que limita sua utilidade a uma identificação preliminar de funcionalidades apresentadas por instrumentos de referência em meio eletrônico.

A experiência Midoso-Online, da Alemanha, avançou até a criação de versões de software capazes de exportar seus dados para o formato EAD-DTD ou outros formatos baseados em XML. Além disso, o projeto almejava permitir o controle de todas as atividades de cunho arquivístico na instituição, coletando e integrando as informações geradas nessas atividades e desenvolver métodos para converter o legado de instrumentos arquivísticos de referência analógicos por meio de softwares inteligentes, reconhecimento ótico de caracteres (OCR) e análise automática de layouts (BRUEBACH, 2003).

Andrade (2007) identificou a experiência *Archives Hub* (<http://www.archiveshub.ac.uk>), que criou um mecanismo de busca integrado para todos os instrumentos arquivísticos de referência dos acervos custodiados por instituições de ensino superior no Reino Unido, por meio da Web e utilizando o conjunto de metadados Descrição Arquivística Codificada (EAD-DTD). Essa experiência apresentou uma possibilidade de como implementar o conceito de interoperabilidade para representações arquivísticas, materializando-a em um sistema de busca que conseguia acessar as representações codificadas em EAD-DTD.

Yakel, Shaw e Reynolds (2007) contam sobre a criação, em 2005, de um grupo de pesquisa destinado a experimentar novas estruturas e funcionalidades para os tradicionais instrumentos arquivísticos de referência, como os guias, inventários e repertórios. Após anunciar a existência do grupo, os pesquisadores iniciam a descrição



de uma experimentação que teve por objetivo criar um instrumento online que pudesse aproveitar as possibilidades da Web 2.0, que podem ser representadas pelas características apontadas por Van Garderen (2006a; 2006b), desenvolvendo assim o *website* experimental da *Polar Bear Expedition Digital Collections* (<http://polarbears.si.umich.edu>).

Andrade (2008) apresenta ações desenvolvidas no âmbito do Arquivo Público da Bahia, com vistas ao uso do software livre denominado ICA-AtoM (www.ica-atom.org), que é compatível com padrões como conjunto de metadados e normas de descrição relacionadas com a representação de acervos arquivísticos e que permite a publicação destes na internet, podendo servir como repositório de objetos digitais criados a partir da documentação original em suportes tradicionais. As ações apresentadas se concentraram na utilização da Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade) para padronizar e qualificar descrições pré-existentes e guiar na elaboração de novas representações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos instrumentos de localização de documentos aos instrumentos que apresentam representações contextuais que ampliem a consciência para o que realmente o acervo contém, há um caminho de aproximação gradual, mas contínuo, do usuário.

As mudanças na produção e uso dos instrumentos de referência parecem ocorrer no momento em que a arquivologia propõe ênfase no acesso ao conteúdo dos acervos, em detrimento de apenas preservá-lo. A internet, enquanto expressão das necessidades de seus usuários, aspira a ser cada vez mais fácil de usar¹⁰ e poder agregar pessoas em comunidades virtuais ou aplicativos de uso social, como enciclopédias criadas pelos usuários (Wikipédia) ou sites de periódicos de notícias em que os usuários comentam e/ou debatem acerca das matérias publicadas.

Os instrumentos arquivísticos de referência na internet também começam a apresentar funcionalidades sociais, com o objetivo não apenas de aproximar o usuário

¹⁰ Uma das intenções do fenômeno denominado Web 2.0, em que um alto grau de usabilidade torna-se um objetivo.



das representações existentes, mas de fazê-lo participar diretamente do processo de criação e/ou revisão dessas representações, essas funcionalidades podem evoluir para as “comunidades” citadas anteriormente.

A nova geração de instrumentos de referência marca o aproveitamento das possibilidades do fenômeno Web 2.0 no âmbito das instituições arquivísticas, que culminaria na aproximação maior dos usuários não acadêmicos às instituições de custódia. Essa aproximação realimenta as características da nova geração: instrumentos de referência fáceis de utilizar, padronizados e com comunidades virtuais compostas por outros usuários e por especialistas que poderão auxiliar no entendimento e uso dessas ferramentas, essas próprias se beneficiando das dúvidas e nos debates suscitados, gerando um círculo benéfico de aprimoramento.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ricardo Sodré. Guia Digital de Fundos do Arquivo Público da Bahia: relato das ações realizadas com vistas à implantação do ICA-AtoM. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 15, 2008, Goiânia. **Anais...** Goiânia: AAG, 2008. Disponível em: <<http://ricardo.arquivista.net/producao/>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

_____. Aspectos introdutórios da representação de informação arquivística: a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade), a Descrição Arquivística Codificada (EAD-DTD) e o projeto Archives Hub. In: **Ponto de Acesso**, vol. 1, n. 2, 2007. Acesso em: 15 jul. 2008.

ANDRADE, Ricardo Sodré; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Aspectos teóricos e históricos da descrição arquivística e uma proposta de nova geração de instrumentos arquivísticos de referência. In: CIFORM - ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 8, 2008, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <<http://ricardo.arquivista.net/producao/>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

BELLOTTO, Heloísa L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRUEBACH, Nils. Archival Science in Germany. In: **Archival Science**, vol. 3, n. 4, p. 379-399, 2003.

HAGEN, Acácia Maria Maduro. Algumas considerações a partir do processo de normalização da descrição arquivística. In: **Ci.Inf.**, v. 27, n. 3, 1998.

MACNEIL, Heather. Picking our text: archival description, authenticity, and the archivist as editor. In: **The American Archivist**, vol. 68, n. 2, 2005.

MARCONDES, Carlos Henrique. Representação e economia da informação. In: **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 61-70, jan./abr., 2001.

PENTEADO, Paulo. Serviços de Referência em Arquivos Definitivos: alguns aspectos teóricos. In: **Cadernos BAD**, 2, 1995. Disponível em: <http://pwp.netcabo.pt/0262917101/ServRef_ADef.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2008.

SÁ, Ivone Pereira de. **A face oculta da interface**: serviços de informação arquivística na web centrados no usuário. Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2005. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - FIOCRUZ, 2005.

SOCIETY OF AMERICAN ARCHIVISTS. **Statement of principles for the CUSTARD project**. 2002. Disponível em: <<http://www.archivists.org/news/custardproject.asp>>. Acesso em: 21 mar. 2008.



TIBBO, Helen R.; MEHO, Lokman I. Finding Finding Aids on the World Wide Web. In: **The American Archivists**, vol. 64, Spring/Summer, 2001.

VAN GARDEREN, Peter. **Web 2.0 and archival institutions**. 2006a. Disponível em: <<http://archivemati.ca/2006/05/08/web-20-and-archival-institutions/>>. Acesso em: 20 mar 2008.

_____. **Web 2.0 and archives access system**. 2006b. Disponível em: <<http://archivemati.ca/wp-content/shockwave-flash/SAA2006.html>>. Acesso em: 20 mar 2008.

YAKEL, Elizabeth. Archival Representation. In: **Archival Science**, vol. 3, n. 1, p. 1-25, 2003.

YAKEL, Elizabeth; SHAW, Seth; REYNOLDS, Polly. Creating the Next Generation of Archival Finding Aids. In: **D-LIB Magazine**, vol. 13, n. 5/6, 2007.